

M3 - Av5 (presencial) e Av6 (presencial)

Av5

Capítulo 13 – Poder, Política e Estado

Capítulo 14 – O Brasil sob o olhar dos sociólogos

Capítulo 15 – Economia e Sociedade.

Período: 22/08 a 26/08

Av6

Capítulo 16 – Desigualdades Sociais

Capítulo 17 – Direitos e Cidadania

Capítulo 18 – Formas e participação política

Período: 19/09 a 23/09

Arquivo para baixar.

Capítulo 14

**O Brasil sob o olhar
dos sociólogos.**



Sociologia - 2 ano

Capítulo 14

O Brasil sob o olhar dos sociólogos.

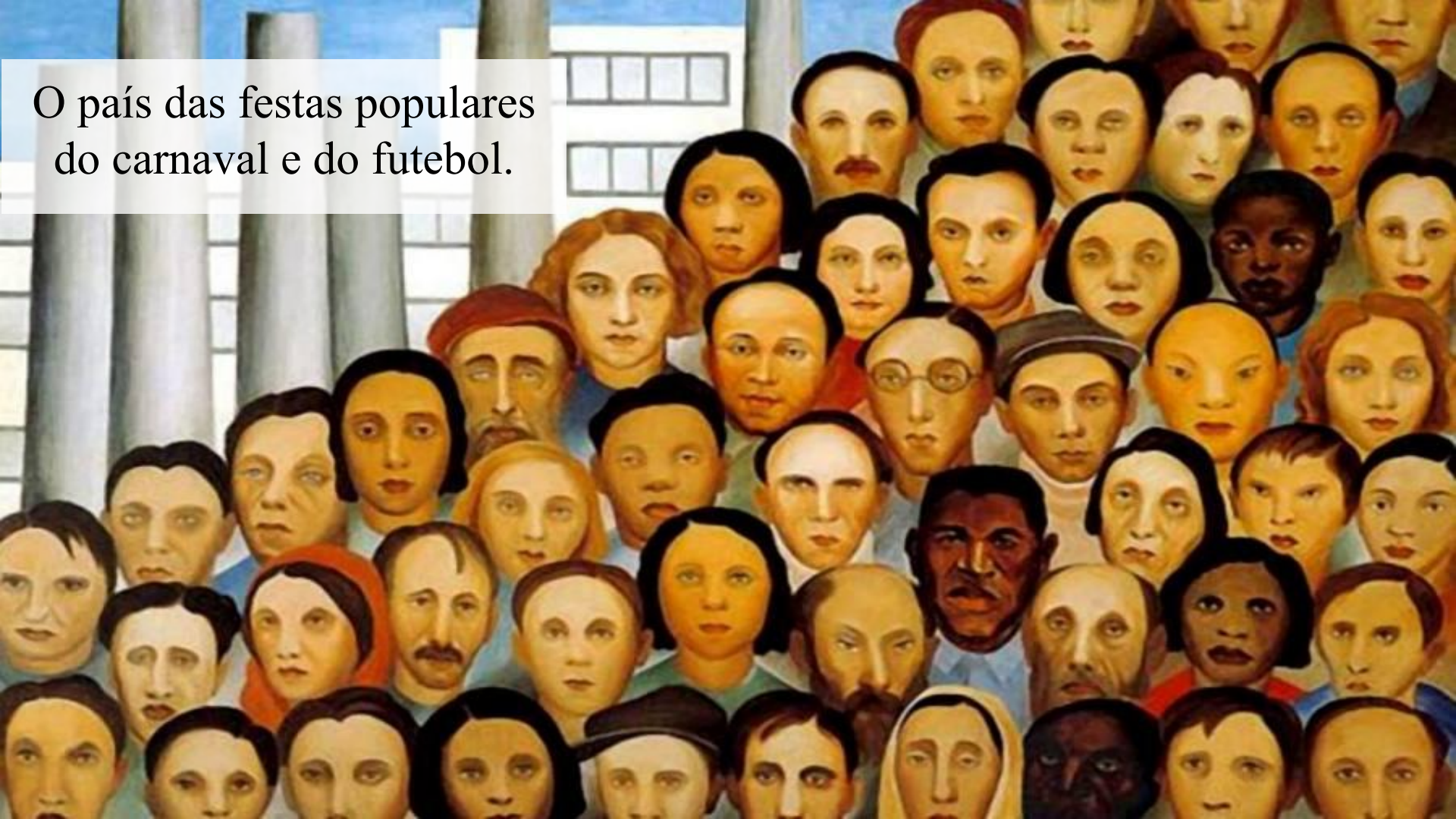


2 ano, Rede SMCE - Unidade BR
Maria Priscila Chagas

Ao final desta aula, esperamos que você consiga:

- **Compreender a concepção de Joaquim Nabuco sobre o Estado Monárquico e a propriedade fundiária brasileira.**
- **Interpretar a valorização do sertanejo para Euclides da Cunha.**
- **Compreender o racismo velado da sociedade brasileira, segundo Florestan Fernandes.**

O país das festas populares
do carnaval e do futebol.



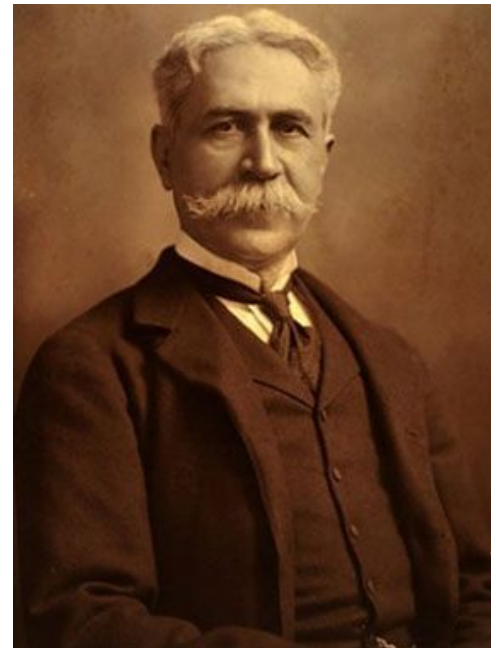
Joaquim Nabuco.

Luta contra a Escravidão.

Além disso, a luta a escravidão não deve ser realizada somente por motivos religiosos e morais, mais sim por imperativos políticos. esses motivos políticos são a reconstrução do Brasil por meio do trabalho livre e da união das raças.

Em seu livro O abolicionismo publicado em 1884, no qual ele defende suas teses contra a escravidão, dentre elas, a de que a escravidão não pode ser apenas uma opção entre sistemas econômicos, mas, na verdade, é escolha moral que desumaniza o escravo e é causa do atraso de várias gerações.

No entanto Joaquim Nabuco enfatiza que o fim da escravidão não deveria vir de forma militar, mas de forma política, para evitar o que aconteceu na Guerra Civil Americana. Também defendia a monarquia, como forma de impedir que os latifundiários se apossarem da República. De qualquer forma, há em uma visão, mesmo que ela esteja ainda atrelada à ideia segundo a qual raça é igual a cultura, uma compreensão de que tanto o negro como o mestiço formaram uma parte essencial da identidade nacional.



Nasceu em Recife, Pernambuco. Trabalhou como diplomata em Washington e foi eleito deputado em 1879. Em 1880 fundou a “Sociedade Brasileira Contra a Escravidão”.

Euclides da Cunha.

Miscigenação.



Nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro, formou-se engenheiro.

Correspondente do jornal O Estado de S. Paulo. Cobriu a 4ª Expedição do Exército contra Canudos.

Esse mestiço, chamado aqui de sertanejo é, assim, um marginal, na medida em que não encontra espaço entre as raças fundadoras do Brasil. Para Euclides, abraçando as teses raciais de sua época, o Brasil não conseguia se “civilizado”, porque não possuía a força intelectual da raça branca fundadora, mas também não teria mais o fulgor das raças indígenas. Esse aspecto o colocaria à margem da socialização da nação.

Descreve aspectos da vegetação, do solo, sobretudo da população brasileira em sua expedição. Quando faz isso, sua atenção foca na caráter da miscigenação dessa população e compreende que o Brasil não tem unidade de raça, indicando o que considera “problemas de mestiçagem”.

“Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos”.

Gilberto Freyre.

Mestiçagem.

No entanto, com Gilberto Freyre, ela toma uma maior, na medida em que aparece pela primeira vez de forma explícita como positivo, isto é, como fator de contribuição para a civilização brasileira. O antirracismo, fundamentado de forma sólida em sua obra, e sua apologia da miscigenação promoveram como positiva essa singularidade brasileira.

Pg. 237.

Isso mostra a preocupação de Freyre por observar o detalhe, nos costumes, na culinária, na forma de se comportar etc. Faz o mesmo com a dimensão de erotismo na formação da cultura. Esse ambiente que começou a vida social brasileira era de quase depravação sexual. Mas não se tratava de um desvio de conduta, mas sim parte de todo o sistema organizado, que mostrava, de um lado, um excesso de poder, por vezes mostrando abuso, inclusive sexual por parte do colonizador, mas que contribuiu para a miscigenação.

Para Freyre, a herança portuguesa não foi essencialmente prejudicial, mas, na verdade, proporcionou ao Brasil uma identidade própria de aspecto positivo. O caráter de mestiçagem já é uma herança portuguesa, formada por mouros, visigodos, romanos e semitas. Mesma razão que permitiu o sincretismo, ou ainda um catolicismo adaptável às crenças africanas trazidas pelos escravos.



Crítica a Freyre.

No entanto, muitos autores criticam Freyre por suavizar os problemas e violência da colonização, principalmente da escravidão, ao retratar muitas vezes, um convívio harmonioso entre o senhor e o escravo. Anticomunista por opção, foi perseguido pela intelectualidade de esquerda da época e, até hoje, seu estudo sobre a miscigenação é controverso. O importante, porém, é notar como ele chamou a atenção para o hibridismo de parte da identidade brasileira, ou seja, para a plasticidade de uma cultura que consegue equilibrar contrários, integrando culturas, para além do aspecto racial.



Sérgio Buarque de Holanda.

Argumenta que Europa Ibérica já havia tido um desenvolvimento diferente do restante da Europa. A racionalização típica da Era Moderna, presente sobretudo na Alemanha, Inglaterra e França, não era tão intensa na Europa Ibérica. Nessa última, restava ainda uma forte cultura de personalidade, uma valorização do personalismo e do exclusivismo individual, sobre todas as instituições. Todo esse conjunto de características culturais dificultava o desenvolvimento de comportamentos associativos. Desse modo, a organização da vida se pautava na relação pessoal, em todos os aspectos, tanto na vida social, como na política. Nesse quadro, o governo ou o Estado passa a ser visto como consequência, também apresenta a dificuldade de tratar o Estado de forma impessoal, fazendo uso pessoal das instituições.



O homem cordial.

Homem cordial não é o homem bem receptivo, mas aquele que age por impulso do coração. É assim, o homem do do arbítrio, ou seja, que age de forma voluntariosa. É o homem do “Você sabe quem eu sou?” ou “Você sabe com quem está falando?”.

O homem cordial, por não ter a experiência autêntica com um Estado racional impessoal, ou burocrático à maneira weberiana, não compreende a importância das formalidades das regras sociais. Assim, em geral, trata de forma afrouxada essas mesmas regras. Há um desapego aos rituais cotidianos.



vidadesuporte.com.br

Florestan Fernandes.

A sociedade estratificada por meio da divisão de raças, ao fazer a passagem do modo de vida agrícola para o modo de vida industrial, reservou para os homens brancos as melhores oportunidades, deixando de lado os negros, de modo a repetir na luta de raças a luta de classes (no sentido marxista). Assim, a integração do negro na sociedade não é realizada.

Dessa maneira, haveria um racismo estrutural no mercado de trabalho, nas condições de moradias, no acesso à educação etc. Ainda que a sociedade brasileira seja miscigenada, há uma segregação racial, e um racismo que permanece, mesmo que disfarçado, ou velado, como explica. Florestan faz questão de fazer uma crítica bastante clara ao que considera ser a ideia de “democracia racial”, atribuída à obra de Freyre.



Qual é o verdadeiro Brasil?



Pg. 239

Deve-se considerar esses esforços como exercício constante para entender a realidade brasileira, que possivelmente se completam mais do que se excluem. Tornando como as diferenças entre as obras de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, nelas, haveria uma diferença entre as duas análises. Gilberto Freyre está em busca de uma identidade em um nível mais profundo - mais ou menos estável e duradoura, Já Florestan Fernandes está indicando uma situação específica do período histórico recente e como as assimetrias se perpetuam. isso quer dizer que, provavelmente, tanto o país da livre miscigenação e da cordialidade de Sérgio Buarque, como o país da estratificação coexistem de alguma maneira na realidade social brasileira, o que explicaria muitas das desigualdades sociais atuais existentes.

Fonte bibliográfica.

GHELERE, Gabriele Doll. *O Brasil Sob o olhar dos sociólogos*. in: Filosofia e Sociologia. Coleção SAS. Vol 1. 6ª Ed. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino. 2020.